



Questão 1

O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo

Eliane Brum

Eu vim ao Rio para um evento no Museu do Amanhã.

Então descobri que não tinha mais passado.

Diante de mim, o Museu Nacional do Rio queimava.

O Crânio de Luzia, a “primeira brasileira”, entre 12.500 e 13 mil anos, queimava. Uma das mais completas coleções de pterossauros do mundo queimava. Objetos que sobrevivem à destruição de Pompeia queimavam. A múmia do antigo Egito queimava. Milhares de artefatos dos povos indígenas do Brasil queimavam.

Vinte milhões de memória de alguma coisa tentando ser um país queimavam.

O Brasil perdeu a possibilidade da metáfora. Isso já sabíamos. O excesso de realidade nos joga no não tempo. No fora do tempo.

O Museu Nacional em chamas. Um bombeiro esguichando água com uma mangueira um pouco maior do que a que eu tenho na minha casa. ¹O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegaram caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando. Uma equipe tentava tirar água do lago da Quinta da Boa Vista. O Museu Nacional queimando. Outras pessoas tentavam furtar o celular e a carteira de quem tentava entrar para ajudar ou só estava imóvel diante dos portões tentando compreender como viver sem metáforas.

Brasil, é você. Não posso ser aquele que não é.

O Museu Nacional queimando.

O que há mais para dizer agora que as palavras já não dizem e a realidade se colocou além da interpretação?

Diante do Museu Nacional em chamas, de costas para o palácio, de frente para onde deveria estar o povo, Dom Pedro II em estátua. Sua família tinha tentado inventar um país e o fundaram sobre corpos humanos. Seu avô, Dom João VI, criou aquele museu no Palácio de São Cristóvão. Dom Pedro II está no centro, circunspecto, um homem feito de pedra, um imperador. Diante da parte da esquerda do museu, indígenas de diferentes etnias observam as chamas como se mais uma vez fossem eles que estivessem queimando. Estão. É o maior

acervo de línguas indígenas da América Latina, diz Urutau Guajajara. É a nossa memória que estão apagando. É o golpe, é o golpe. Poderiam ter salvo, e não salvaram, ele grita.

Nunca salvaram. Há 500 anos não salvaram.

As costas de Pedro ferviam.

Quando soube que o museu queimava, eu dividi um táxi com um jornalista britânico e uma atriz brasileira com uma câmera na mão. “Não é só como se o British Museum estivesse queimando, é como se junto com ele estivesse queimando também o Palácio de Buckingham”, disse Jonathan Watts. “Não há mais possibilidade de fazer documentário”, afirmou Gabriela Carneiro da Cunha. “A realidade é ²Science Fiction.”

Eu, que vivo com as palavras e das palavras, não consigo dizer. Sem passado, indo para o Museu do Amanhã, sou convertida em muda. Esvazio de memória como o Museu Nacional. Chamas dentro de todo ele, uma casca do lado de fora, sou também eu. Uma casca que anda por um país sem país. Eu, sem Luzia, uma não mulher em lugar nenhum.

A frase ecoa em mim. E ecoa. Fere minhas paredes em carne viva.

“O Brasil é um construtor de ruínas. O Brasil constrói ruínas em dimensões continentais.”

³A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu?

O que poderia expressar melhor este momento? A história do Brasil queima. A matriz europeia que inventou um palácio e fez dele um museu. Os indígenas que choram do lado de fora porque suas línguas se incendiaram lá dentro. E eu preciso alcançar o Museu do Amanhã. Mas o Brasil já não é o país do futuro. O Brasil perdeu a possibilidade de imaginar um futuro. O Brasil está em chamas.

O Museu Nacional sem recursos do Governo Federal. Os funcionários do Museu Nacional fazendo vaquinha na Internet para reabrir a sala principal. O Museu Nacional morrendo de abandono. O Museu Nacional sem manutenção. O Rio de Janeiro. Flagelado e roubado e arrancado Rio de Janeiro. Entre todos os Brasis, tinha que ser o Rio.

Ouçõ então o chefe de bombeiros dar uma coletiva diante do Museu Nacional, as labaredas lambem o cenário atrás dele. O bombeiro explica para as câmeras de TV que não tinha água, ele conta dos caminhões-pipa. E ele declara: “Está tudo sob controle”.

Eu quero gargalhar, me botar louca, queimar junto, ser aquela que ensandece para poder gritar para sempre a única frase lúcida que agora conheço: “O Museu Nacional está queimando! O Museu Nacional está queimando!”.

O Brasil está queimando.

E o meteoro estava dentro do museu.

El País Brasil: O Jornal Global. Opinião. 3 set. 2018.
Disponível em:
https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/03/opinion/1535975822_774383.html.
Acesso em: 14 set. 2018.

Nota:

²Ficção Científica.

Pequena memória para um tempo sem memória

(A legião dos esquecidos)

Gonzaguinha

Memória de um tempo onde lutar

Por seu direito

É um defeito que mata

São tantas lutas inglórias

São histórias que a história

Qualquer dia contará

De obscuros personagens

As passagens, as coragens

São sementes espalhadas nesse chão

De Juvenais e de Raimundos

Tantos Júlios de Santana

Uma crença num enorme coração

Dos humilhados e ofendidos

Explorados e oprimidos

Que tentaram encontrar a solução

São cruces sem nomes, sem corpos, sem datas

Memória de um tempo onde lutar por seu direito

É um defeito que mata

E tantos são os homens por debaixo das manchetes

São braços esquecidos que fizeram os heróis

São forças, são suores que levantam as vedetes

Do teatro de revistas, que é o país de todos nós

São vozes que negaram liberdade concedida

Pois ela é bem mais sangue

Ela é bem mais vida

São vidas que alimentam nosso fogo da esperança

O grito da batalha

Quem espera nunca alcança

Ê ê, quando o Sol nascer

É que eu quero ver quem se lembrará

Ê ê, quando amanhecer

É que eu quero ver quem recordará

Ê ê, não quero esquecer

Essa legião que se entregou por um novo dia

Ê eu quero é cantar essa mão tão calejada

Que nos deu tanta alegria

E vamos à luta.

Luiz Gonzaga e Gonzaguinha. **A vida do viajante**. Faixa 4. EMI-Odeon, 1981.

Nos textos, é possível criar maior envolvimento entre o leitor e o texto por meio do emprego de recursos expressivos. Uma declaração válida sobre o uso desses recursos é:

Alternativas da questão 1

A “A frase reverbera nos corredores vazios do meu corpo. Se a primeira brasileira incendiou-se, que brasileira posso ser eu?” (O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo, referência 3) – A metáfora enfatiza o profundo sofrimento da autora ao presenciar o incêndio do museu.

B “Memória de um tempo onde lutar / Por seu direito / É um defeito que mata” (Pequena memória para um tempo sem memória, versos 1 a 3) – A paródia reforça o sentido de um ditado popular.

C “O Museu Nacional queimando. Sem água em parte dos hidrantes, depois de quatro horas de incêndio ainda chegavam caminhões-pipa com água potável. O Museu Nacional queimando.” (O Brasil queimou – e não tinha água para apagar o fogo, referência 1) – A repetição destaca a monotonia da cena descrita.

D “São vidas que alimentam nosso fogo da esperança / O grito da batalha / Quem espera nunca alcança” (Pequena memória para um tempo sem memória, versos 26 a 28) – A intertextualidade reforça o sentido de um ditado popular.

E “E tantos são os homens por debaixo das manchetes / São braços esquecidos que fizeram os heróis” (Pequena memória para um tempo sem memória, versos 19 e 20) – A metonímia põe em evidência a falta de atitude dos oprimidos.

Questão 2

LER NOS TORNA MAIS FELIZES

(1) “A leitura nos torna mais felizes e nos ajuda a enfrentar melhor a nossa existência. Os leitores vivem mais contentes e satisfeitos do que os não leitores, e são, em geral, menos agressivos e mais otimistas”. A afirmação é dos responsáveis por uma análise efetuada recentemente pela Universidade de Roma III a partir de entrevistas com 1.100 pessoas. Aplicando índices como o da medição da felicidade de Vennhoven e escalas como a Diener para medir o grau de satisfação com a vida, os pesquisadores chegaram a essas conclusões, que demonstram, como afirma Nuccio Ordine, autor do manifesto “A Utilidade do Inútil”, que “alimentar o espírito pode ser tão importante quanto alimentar o corpo”. E que precisamos, bem mais do que se imagina, dessas experiências e conhecimentos que não se traduzem em benefícios econômicos.

(2) Como nos sentimos e quais mudanças experimentamos ao mergulhar em uma história? Há um efeito transformador? Os protagonistas das ficções nos levam a que enxerguemos as nossas contradições e os nossos desejos? Fazem com que nos recordemos de coisas essenciais, talvez esquecidas?

(3) A ciência possui cada vez mais recursos para responder a essas perguntas. Artigos publicados em revistas especializadas expõem resultados de ressonâncias magnéticas que revelam a alta conectividade que se estabelece no sulco central do cérebro, região do motor sensorial primário, e no córtex temporal esquerdo, área associada à linguagem, enquanto lemos um livro e depois de acabá-lo.

(4) O estresse se reduz e a inteligência emocional sai ganhando, assim como o desenvolvimento psicossocial, o autoconhecimento e o cultivo da empatia, segundo uma equipe de neurocientistas da Universidade de Emory, em Atlanta, que monitoraram as reações de 21 estudantes durante 19 dias seguidos. A leitura pode até mesmo alterar comportamentos por meio da identificação com os protagonistas das histórias lidas, defende Keith Oatley, romancista e professor de Psicologia Cognitiva da Universidade de Toronto.

(5) “É muito custoso, para nós, colocarmo-nos no lugar do outro no dia a dia, mas quantas vezes já não nos colocamos na pele de um personagem de romance? Criamos uma empatia com ele e isso nos ajuda a compreender melhor os sinais emitidos pelos outros”, argumenta Antonella Fayer, psicóloga e coach especializada no desenvolvimento da liderança, para quem “as lições sobre dilemas morais e emocionais que encontramos na literatura são necessárias para todas as pessoas, e, muito especialmente, para aquelas que estão convencidas de que não têm tempo. Seria conveniente para elas se conseguissem parar um pouco e fazer leituras para melhorar a sua compreensão dos outros”, assinala Fayer, fazendo uma alusão às palavras de Alan Brew, ex-editor do Financial Times: “Ler os grandes autores faz de você uma pessoa mais bem preparada para tomar decisões criativas, interessantes e educadas”.

(6) O convencimento quanto aos benefícios gerados pela leitura é o que move a School of Life, um centro londrino de biblioterapia que prescreve livros para ajudar na superação de conflitos (rupturas, disputas etc). Como diz o filósofo Santiago Alba Rico, autor de “Leer con niños” (Ler com crianças) - um ensaio que estimula nos pais o prazer de compartilhar histórias com seus filhos -, a leitura, como a paixão, é um “vício virtuoso”. Quando conhecemos o bem que ela nos proporciona, não conseguimos deixar de praticá-la. Voltemos, portanto, para a literatura, como convidava Cortázar, “como se vai aos encontros mais essenciais da existência, como se vai ao encontro do amor e, às vezes, da morte, sabendo que fazem parte de um todo indissolúvel, e que um livro começa e termina muito antes e muito depois de sua primeira e de sua última página”.

RODRÍGUEZ, Emma. **Ler nos torna mais felizes**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/22/eps/1453483676_726562.html. Acesso em: 19 out. 2019 (adaptado).

Em “Ler nos torna mais felizes”, percebe-se que

Alternativas da questão 2

A o texto associa a leitura ao desenvolvimento acadêmico do indivíduo, uma vez que a equipe de neurocientistas da Universidade de Emory monitorou as reações de 21 estudantes, os quais demonstraram um desempenho acadêmico melhor porque cultivam o hábito de ler.

B o principal assunto do texto é a divulgação de trabalhos científicos que comprovam a eficácia da leitura nos tratamentos psicoterapêuticos, uma vez que os livros ajudam na superação de conflitos pessoais, como rupturas e disputas.

C o texto associa “leitura” à “felicidade” ao indicar que quem lê pode se tornar, também, um escritor bem-sucedido, o que é evidenciado pelo caso de Keith Oatley, que é romancista e professor de Psicologia Cognitiva da Universidade de Toronto.

D o objetivo do texto é convencer as pessoas a abandonarem os tratamentos terapêuticos convencionais e investirem na biblioterapia, apresentando os benefícios gerados pela leitura e divulgando o trabalho realizado na School of Life.

E a associação entre “leitura” e “felicidade”, no texto, reside no fato de que, ao ler, o estresse se reduz e a inteligência emocional, assim como o desenvolvimento psicossocial, o autoconhecimento e o cultivo da empatia melhoram, indicando que pessoas que leem vivem mais contentes, satisfeitas, menos agressivas e mais otimistas.

Questão 3

Entre todas as palavras do momento, a mais flamejante talvez seja desigualdade. E nem é uma boa palavra, incomoda. Começa com des. Des de desalento, des de desespero, des de desesperança. Des, definitivamente, não é um bom prefixo.

Desigualdade. A palavra do ano, talvez da década, não importa em que dicionário. Doravante ouviremos falar muito nela.

De-si-gual-da-de. Há quem não veja nem soletre, mas está escrita no destino de todos os ônibus da cidade, sentido centro/subúrbio, na linha reta de um trem. Solano Trindade, no sinal fechado, fez seu primeiro rap, “tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome”, somente com esses substantivos. Você ainda não conhece o Solano? Corra, dá tempo. Dá tempo para você entender que vivemos essa desigualdade. Pegue um ônibus da Avenida Paulista para a Cidade Tiradentes, passe o vale-transporte na catraca e simhora – mais de 30 quilômetros. O patrão jardinesco vive 23 anos a mais, em média, do que um humaníssimo habitante da Cidade Tiradentes, por todas as razões sociais que a gente bem conhece.

Evitei as estatísticas nessa crônica. Podia matar de desesperança os leitores, os números rendem manchete, mas carecem de rostos humanos. Pega a visão, imprensa, só há uma possibilidade de fazer a grande cobertura: mire-se na desigualdade, talvez não haja mais jeito de achar que os pontos da bolsa de valores signifiquem a ideia de fazer um país.

Adaptado de Xico Sá. A vidinha sururu da desigualdade brasileira. Em **El País**, 28/10/2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/28/opinion/1572287747fbclid=IwAR1VPA7qDYs1Q0Ilcdy6UGAJTwBO_snMDUAw4yZpZ3zy. Acesso em: 25/05/2020.

Quais os recursos linguísticos explorados pelo autor, nessa crônica?

Alternativas da questão 3

A Marcas de coloquialidade, uso de primeira pessoa, linguagem objetiva.

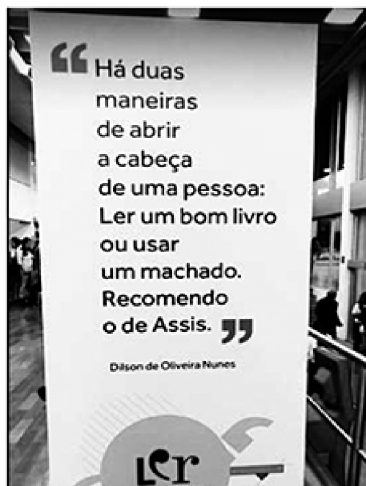
B Uso de verbos no imperativo, linguagem informal, texto impessoal.

C Uso de verbos no subjuntivo, linguagem formal, texto pessoal.

D Uso de variação linguística, linguagem neutra, apelo ao tom coloquial.

E Marcas de oralidade, uso expressivo de recursos ortográficos, subjetividade do autor.

Questão 4



(Disponível em <https://www.facebook.com/Seboltinerante/photos/>. Acessado em 28/05/2018.)

“Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo do bom senso e do senso comum.”

Adaptado de “Franz Kafka, **carta a Oscar Pollak**, 1904.”

Disponível em <https://laboratoriode sensibilidades.wordpress.com>. Acesso em: 28/05/2018.

Qual o excerto que confirma os dois textos?

Alternativas da questão 4

A Ler é abrir janelas, construir pontes que ligam o que somos com o que tantos outros imaginaram, pensaram, escreveram; ler é fazer-nos expandidos. (Gilberto Gil, **Discurso no lançamento do Ano Ibero-Americano da Leitura**, 2004.)

B A leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, por que não sonhar os meus próprios sonhos? (PESSOA, Fernando. **Páginas íntimas e de autointerpretação**. São Paulo: Ática, 1966. p. 23.)

C Pelo que sabemos, quando há um esforço real de igualitarização, há aumento sensível do hábito de leitura e, portanto, difusão crescente das obras. (CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas cidades, 2004. p. 187.)

D Não existem livros morais ou imorais. Os livros são bem ou mal escritos. (WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Saraiva, [19--]. p. 60)

E A leitura é, fundamentalmente, processo político. Aqueles que formam leitores – professores, bibliotecários – desempenham um papel político. (LAJOLO, Marisa. **A formação do leitor no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996. p. 28.)

Questão 5

Cartas se caracterizam por serem textos efêmeros, inscritas no tempo de sua produção e escritas, muitas vezes, no papel que se tem à mão. Por isso, frequentemente, salvo um esforço dos próprios missivistas ou de terceiros, preocupados em preservá-las, facilmente desaparecem, seja pelo corriqueiro de seu conteúdo, seja pela sua fragilidade material. Nem sempre é assim, porém. Temos assistido, nestas duas décadas do século XXI, a um grande interesse pelas chamadas *écritures du moi* (“escritas do eu”, na expressão de Georges Gusdorf): nunca se estudaram tantas memórias, diários, cartas, quanto nesses últimos tempos. Publicações de memórias, diários, cartas sempre houve. Estudos, no entanto, que os enxergassem como objetos de pesquisa, e não como auxiliares para a interpretação da obra de um escritor, como protagonistas, e não como coadjuvantes, eram raros.

Nesse sentido, engana-se quem abre o volume *Cartas provincianas: correspondência entre Gilberto Freyre e Manuel Bandeira*, lançado pela Global Editora, e julga deparar-se apenas com um livro de cartas. A organizadora preocupou-se em contextualizar cada uma das 68 cartas, em um trabalho cuidadoso e pormenorizado de reconstituição das condições de produção de cada uma delas, um verdadeiro resgate.

TIN, E. Diálogos intermitentes. **Pesquisa Fapesp**, n. 259, set. 2017.

De acordo com o texto, o gênero carta tem assumido a função social de material de cunho científico por

Alternativas da questão 5

- A** fazer parte do acervo literário do país.
- B** constituir-se em um registro pessoal do estilo de escrita de autores famosos.
- C** ser fonte de informações sobre os interlocutores envolvidos na interação.
- D** ser um registro de um momento histórico social mais amplo.
- E** assumir uma materialidade resistente ao aspecto efêmero do tempo.

Questão 6

Ladainha II

Por que o raciocínio,

os músculos, os ossos?

A automação, ócio dourado.

O cérebro eletrônico, o músculo

mecânico

mais fáceis que um sorriso.

Por que o coração?

O de metal não tornará o homem

mais cordial,

dando-lhe um ritmo extra-corporal?

Por que levantar o braço

para colher o fruto?

A máquina o fará por nós.

Por que labutar no campo, na cidade?

A máquina o fará por nós.

Por que pensar, imaginar?

A máquina o fará por nós.

Por que fazer um poema?

A máquina o fará por nós.

Por que subir a escada de Jacó?

A máquina o fará por nós.

Ó máquina, orai por nós.

RICARDO, Cassiano. **Jeremias sem-chorar**. Rio de Janeiro:
José Olympio, 1964.

Sobre o emprego de pronomes no texto, podemos afirmar que,

Alternativas da questão 6

- A** no verso “A máquina o fará por nós”, o pronome “o” exerce função de objeto direto.
- B** no verso “O de metal não tornará o homem mais cordial”, a preposição “o” se relaciona ao termo “metal”.
- C** no verso “Ó máquina, orai por nós”, a substituição pela forma “orai-nos” manteria a correção sintática e semântica.
- D** no verso “Por que levantar o braço”, o termo “que” classifica-se como pronome relativo.
- E** no verso “dando-lhe um ritmo extra-corporal?”, o pronome “lhe” exerce função sintática de complemento nominal.

Questão 7

MÚSICA, DIVINA MÚSICA!

Tanto duvidaram dele, da teoria daquele jovem gênio musical, que ele resolveu provar para si mesmo, empiricamente, a teoria de que não existem animais selvagens. Que os animais são tão ou mais sensíveis do que os seres humanos. E que são sensíveis sobretudo ao envolvimento da música, quando esta é competentemente interpretada.

Por isso, uma noite, esgueirou-se sozinho para dentro do Jardim Zoológico da cidade e, silenciosamente, se aproximou da jaula dos orangotangos. Começou a tocar baixinho, bem suave, a sua magnífica flauta doce, ao mesmo tempo em que abria a porta da jaula. Os macacões quase que não pestanejaram. Moveram-se devagarinho, fascinados, apenas para se aproximar mais do músico e do som.

O músico continuou as volutas de sua fantasia musical enquanto abria a jaula dos leões. Os leões, também hipnotizados, foram saindo, pé ante pé, com o respeito que só têm os grandes aficionados da música. E assim a flauta continuou soando no meio da noite, mágica e sedutora, enquanto o gênio ia abrindo jaula após jaula e os animais o acompanhavam, definitivamente seduzidos, como ele previra.

Uma lua enorme, de prata e ouro, iluminava os jacarés, elefantes, cobras, onças, tudo quanto é animal de Deus ali reunido, envolvidos na sinfonia improvisada no meio das árvores. Até que o músico, sempre tocando, abriu a última jaula, do último animal - um tigre, que, mal viu a porta aberta, saltou sobre ele, engolindo músico e música - e flauta doce de quebra. Os bichos todos deram um oh! de consternação. A onça, chocada, exprimiu o espanto e a revolta de todos:

– Mas, tigre, era um músico estupendo, uma música sublime! Por que você fez isso?

E o tigre, colocando as patas em concha nas orelhas, perguntou:

– Ahn? O quê, o quê? Fala mais alto, pô!

FERNANDES, M. **Fábulas fabulosas**. Disponível em:
<http://www2.uol.com.br/millor/fabulas/055.htm>. Acesso em:
03 out. 2017.

O texto constitui-se, principalmente,

Alternativas da questão 7

- A** pela descrição dos personagens, do local e do tempo.
- B** pela interpretação dos fatos ou dados narrados, organizando-os em acontecimentos principais e secundários.
- C** pela presença de um observador dos fatos, o qual descreve situações futuras, de forma preditiva.
- D** por uma sequência cronológica de ações, pela presença de personagens e pela identificação de local e tempo.
- E** pela necessidade de uma apresentação da ação, pela introdução de uma tese e de argumentos que a consolidem.

Questão 8

Analise os trechos de músicas a seguir levando em consideração as figuras de linguagem.

I. “Não existiria som se não houvesse o silêncio / Não haveria luz se não fosse a escuridão / A vida é mesmo assim / Dia e noite, não e sim.” (Lulu Santos/Nelson Mota)

II. “Chove chuva, chove sem parar” (Jorge Ben Jor)

III. “Mentes tão bem que parece verdade, o que você me fala / Vou acreditando” (Zezé Di Camargo e Luciano)

IV. “Te trago mil rosas roubadas / Pra desculpar minhas mentiras / Minhas mancadas” (Cazuza)

Pode-se afirmar que as figuras presentes nos trechos acima são, respectivamente,

Alternativas da questão 8

- A** I. Paradoxo, II. Aliteração, III. Ironia, IV. Sinestesia.
- B** I. Metáfora, II. Polissíndeto, III. Zeugma, IV. Hipérbole.
- C** I. Antítese, II. Pleonismo, III. Ironia, IV. Hipérbole.
- D** I. Antítese, II. Comparação, III. Ironia, IV. Hipérbole.
- E** I. Pleonismo, II. Anacoluto, III. Metáfora, IV. Hipérbole.

Questão 9

Texto 1



“Operários” (1933), de Tarsila do Amaral. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/imagens/operarios-tarsila-do-amaral/image_view_fullscreen> Acesso em: 05 jul. 2021.

Texto 2



“Demitidos”, de Edvardo Art. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/vyrusgraffiti/30247756100/in/photostream/> Acesso em: 05 jul. 2021.

Texto 3

Pero Vaz Caminha

a descoberta

Seguimos nosso caminho por este mar de longo

Até a oitava da Páscoa

Topamos aves

E houvemos vista de terra

os selvagens

Mostraram-lhes uma galinha

Quase haviam medo dela

E não queriam pôr a mão
E depois a tomaram como espantados

primeiro chá

Depois de dançarem

Diogo Dias

Fez o salto real

as meninas da gare

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis

Com cabelos mui pretos pelas espáduas

E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas

Que de nós as muito bem olharmos

Não tínhamos nenhuma vergonha.

ANDRADE, Oswald de. Pero Vaz Caminha. In: MORICONI, Italo (Org.). **Os cem melhores poemas brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 79.

Texto 4

“E assim seguimos o nosso caminho por este mar – de longo até que na terça-feira das Oitavas de Páscoa – eram os vinte e um dias de abril [...] topamos alguns sinais de terra [...]”.

“Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso dele; uma galinha: quase tiveram medo dela – não lhe queriam tocar, para logo depois tomá-la, com grande espanto nos olhos”. [...]

“Ali andavam entre eles três ou quatro moças, muito novas e muito gentis, com cabelos muito pretos e compridos, caídos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha”. [...]

CAMINHA, Pero Vaz de. “A carta”. In: CASTRO, Silvio. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre: L&PM, 2015. Excertos. p. 87, 91 e 94.

Texto 5

“Desta maneira ir-lhes-ei ensinando as orações e doutrinando-os na Fé até serem hábeis para o batismo. Todos estes que tratam conosco, dizem que querem ser como nós, senão que não têm com que se cubram como nós, e este só inconveniente tem. Se ouvem tanger a missa, já acodem e quando nos vêm fazer, tudo fazem, assentam-se de giolos, batem nos peitos, levantam as mãos ao céu [...]”.

NÓBREGA, Manuel da. Em defesa das almas indígenas. In:

NÓBREGA, Manuel da. Em defesa das almas indígenas. In: OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio (Orgs.). **Cronistas do descobrimento**. São Paulo: Ática, 2000. p. 48. Excertos (Série Bom Livro).

A intertextualidade pode ser evidenciada nas relações entre textos literários e não literários.

Com base na leitura dos textos 1, 2, 3, 4 e 5, e tendo em vista a noção de intertextualidade, pode-se afirmar que

Alternativas da questão 9

os textos 3, 4 e 5 mantêm relações intertextuais, configurando-se como exemplos representativos da literatura de informação do Quinhentismo brasileiro, com ênfase na linguagem poética e nas figuras de linguagem.

o texto 3 apresenta relação intertextual explícita com o texto 4, ou seja, nota-se o intertexto (“A Carta de Pero Vaz de Caminha”) na superfície textual, desde a apresentação do título até a retomada de diferentes passagens da narrativa de Caminha.

os textos 4 e 5 apresentam relações intertextuais com ênfase na plurissignificação da linguagem literária e nos elementos de literariedade para tematizar a doutrinação dos nativos.

o texto 2 reproduz fielmente a mensagem do intertexto (texto 1), com a oposição entre a imagem das fábricas, no pano de fundo da tela, e os rostos das pessoas unidas para lutar por empregos e melhores condições de trabalho, temática também apresentada na obra “Operários”, de Tarsila do Amaral.

o texto 1 é o intertexto, ou seja, texto de base para a releitura do texto 2. Os textos 1 e 2 mantêm, assim, identidade visual e temáticas idênticas na construção da representação da imagem caricatural do povo brasileiro.

Questão 10



Disponível em: <<http://www.turmadoroma.com.br/assim-e-o-futebol/tempos-modernos-1/>>. Acesso em: 17 jun. 2019.

As tirinhas constituem um gênero textual multimodal, por terem seu sentido construído pela associação de mais de uma modalidade da linguagem. Na leitura da tirinha acima, ao associarmos o texto verbal com as ilustrações, percebemos que

Alternativas da questão 10

- A

a interpretação que o personagem dá à informação “não torcer” é equivocada já no segundo quadrinho, sendo dispensável a leitura do terceiro para compreendermos o sentido da tira.
- B

a ilustração do cômodo onde o personagem se encontra caracteriza uma informação irrelevante, visto que as informações verbais quanto aos cuidados com a roupa são suficientes para compreendermos o sentido da tira.
- C

a polissemia de um termo provocou ambiguidade no texto, o que levou o personagem a uma interpretação equivocada sobre o que poderia ser feito com a camisa.
- D

a conclusão à qual o personagem chega no terceiro quadrinho caracteriza um exagero no que diz respeito aos cuidados com a camisa e uma ironia quanto ao seu uso.
- E

a expressão do personagem no segundo quadrinho sugere que a informação da etiqueta da camisa o surpreendeu de algum modo, e que isso atende às expectativas do leitor quanto ao que será dito no último quadrinho.

Questão 11

VILAREJO

Há um vilarejo ali
Onde areja um vento bom
Na varanda quem descansa
Vê o horizonte deitar no chão
Pra acalmar o coração
Lá o mundo tem razão

Terra de heróis, lares de mãe
Paraíso se mudou para lá
Por cima das casas cal

Frutas em qualquer quintal
Peitos fartos, filhos fortes
Sonhos semeando o mundo real
Toda a gente cabe lá
Palestina, Shangri-lá

Vem andar e voa
Vem andar e voa
Vem andar e voa

Lá o tempo espera
Lá é primavera
Portas e janelas ficam sempre abertas
Pra sorte entrar
Em todas as mesas pão

Flores enfeitando
Os caminhos, os vestidos
Os destinos e essa canção
Tem um verdadeiro amor
Para quando você for

Compositores: Marisa Monte/Pedro Baby/Carlinhos Brown/Arnaldo Antunes

Em relação aos recursos de estilo no texto O VILAREJO, analise as afirmativas abaixo:

I. Os compositores optaram por empregar uma linguagem predominantemente denotativa, impessoal, o que comunga com o gênero em que se enquadra o texto.

II. A seleção vocabular em pares como “varanda/descansa”, “fartos/fortes” e “sonhos/semear” revela o emprego de figuras como aliteração e assonância, o que contribui para a sonoridade do texto.

III. No verso “Sonhos semeando o mundo real”, infere-se que os sonhos não se contrapõem à realidade; eles são importantes para a construção de um mundo mais justo.

IV. Uma interpretação possível para o texto é a de que o “Vilarejo” é uma metáfora de um lugar onde existam segurança e igualdade social.

V. Levando-se em consideração que o sufixo da palavra “Vilarejo” expressa uma ideia de pequeno tamanho, é um equívoco que, nesse lugar, não haja exclusão – “Toda a gente cabe lá”.

Evidenciam-se como recursos do estilo dos textos o que se apresenta em:

Alternativas da questão 11

A III e IV.

B I, II e V.

C I, II e IV.

D II, III e IV.

E I e V.

Questão 12

Texto 1

Um escritor! Um escritor!

Antônio Prata*

Com o jornal numa mão e um guaraná diet na outra, eu caminhava pelas ruas de ¹Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C do Boeing 737: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”.

Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói. Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.

Um comissário o encontrou no meio do corredor e o levou, apressado, até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião. O médico se agachou, tomou o pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com ela, depois falou com a aeromoça. Trouxeram uma caixa de metal, ele deu um comprimido à mulher e, nem dez minutos mais tarde, voltou pros seus amendoins, sob os olhares admirados de todos.

Ou de quase todos, pois a minha admiração, devo admitir, foi rapidamente ²fagocitada pela inveja. Ora, quando a medicina nasceu, com Hipócrates, a história de ³Gilgamesh já circulava pelo mundo havia mais de dois milênios: desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas — e, no entanto...

No entanto, caros leitores, quem aí já ouviu uma aeromoça pedir, ansiosa: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um escritor a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”?

Eu não me abalaria. Fecharia o jornal, sem afobação, poria uma Bic e um guardanapo no bolso, iria até a senhora gorducha e me agacharia ao seu lado. Conversaríamos baixinho. Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar o filho, depois de dez anos brigados: queria falar alguma coisa bonita pra ele, mas não era boa com as palavras. Eu faria uma rápida ⁴anamnese: perguntaria os motivos da briga, ⁵se o filho estava mais pra Proust ou pra UFC, levantaria recordações prazerosas da relação e, antes de tocarmos o solo, entregaria à mulher três parágrafos capazes de verter lágrimas até da estátua do Borba Gato.

De volta ao meu lugar, passageiros me cumprimentariam e compartilhariam histórias semelhantes. Uma jovem mãe me contaria do primo poeta que, num restaurante, ao ouvir os apelos do garçom — “Um escritor, pelo amor de Deus, um escritor!” —, tinha sido levado até um rapaz apaixonado e conseguido escrever seu pedido de casamento no cartão de um buquê antes que a futura noiva voltasse do banheiro.

Um senhor comentaria o caso muito conhecido do romancista que, após as súplicas de mil turistas, fora capaz de convencer 200 tripulantes de um cruzeiro a abandonar o grúndio.

Eu sorriria, de leve. Diria “Pois é, se você escolheu essa profissão, tem que estar preparado pras emergências”, então recusaria, educadamente, o segundo saquinho de amendoins que a aeromoça me ofereceria e voltaria, como se nada tivesse acontecido, para as ⁶bombas da Crimeia, com meu copo de guaraná.

*Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de Nu, de Botas.

Jornal Folha de São Paulo, 25 maio 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/>. Acesso em: 27 ago. 2019.

Vocabulário de apoio:

¹ Kiev: capital e maior cidade da Ucrânia. No trecho: “eu caminhava pelas ruas de Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov”, o autor se refere ao tema do livro (Guerra da Crimeia) que ele lia, enquanto estava no voo. Os termos “barricadas” (trincheiras feitas de improviso) e “coquetéis molotov” (tipo de arma química, geralmente usada em guerrilhas) estão relacionados ao tema da leitura feita pelo autor.

² fagocitada: neologismo criado a partir de fagocitose: processo de ingestão e destruição de partículas sólidas, como bactérias ou pedaços de tecido necrosado, por células ameboides chamadas de fagócitos [tem como uma das funções a proteção do organismo contra infecções.]; no texto, “fagocitada” pode ser substituída por “devorada”.

³ No trecho: “... a medicina nasceu, com Hipócrates, a história de Gilgamesh”, o autor se refere a Hipócrates – pensador grego, considerado o “pai da Medicina” – e a Gilgamesh - rei da Suméria, mais conhecido atualmente por ser o personagem principal da *Epopéia de Gilgamesh*, um épico mesopotâmico preservado em tabuletas escritas com caracteres cuneiformes (o mais antigo tipo de escrita do mundo).

⁴ anamnese: lembrança, recordação pouco precisa. No campo da medicina, anamnese é um histórico que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

⁵ No trecho: “se o filho estava mais pra Proust ou pra UFC”, o autor se refere a um escritor francês (Proust, importante escritor no cenário da literatura mundial) e a UFC, cuja sigla em inglês significa *Ultimate Fighting Championship*, designa organização de MMA (Artes Marciais Mistas) que produz eventos ao redor de todo o mundo.

⁶ bombas da Crimeia – referência à Guerra da Crimeia (1853-1856), assunto do livro que o autor lia, durante o voo.

Texto 2

Quando escrevo ou leio, não penso em teoria, em ciência. Penso na arte. No prazer. Na estética. No personagem. No enredo. Nas figuras de linguagem e na linguagem em si. Na

sabedoria do autor. Na sonoridade. Na melhor palavra. Na imensa alegria de mergulhar em mundos que parecem, mas não são, ou são, mas não parecem ser. Nada disso precisa de ciência, apenas de sensibilidade. Sensibilidade para capturar a ficção da realidade. O mundo é a ficção de cada um. Escritores simplesmente falam da sua fantasia.

Fragmento do texto “Literatura não é ciência”, de Luís Giffoni. Disponível em: <http://www.luisgiffoni.com.br/literatura-nao-e-ciencia/>. Acesso em: 18 ago. 2019.

A comparação entre o conteúdo dos textos 1 e 2 apresenta-se em:

Alternativas da questão 12

A O chamado de urgência médica durante o voo, no texto 1, exemplifica um caso de ficção de cada um, conforme o texto 2.

B A função da literatura de tratar a alma, conforme o texto 1, opõe-se à relação entre ficção e sensibilidade, conforme o texto 2.

C Os textos 1 e 2 tratam de temas totalmente diferentes, com abordagens que não se complementam de nenhuma maneira.

D O tratamento dado à medicina, no texto 1, equivale à forma como o autor do texto 2 considera a ficção.

E A situação narrada em torno da função de um escritor, no voo, ilustra um exemplo de fantasia de escritor, conforme o texto 2.

Diáspora

"Acalmou a tormenta; pereceram
Os que a estes mares ontem se arriscaram;
Vivem os que, por um amor, temeram
E dos céus os destinos esperaram." ¹

Atravessamos o Mar Egeu
o barco cheio de fariseus
com os cubanos, sírios, ciganos
como romanos sem Coliseu
Atravessamos pro outro lado
no Rio Vermelho do mar sagrado
nos center shoppings
superlotados
de retirantes
refugiados

Where are you? ²
where are you?
where are you?
where are you?

Onde está
meu irmão
sem irmã
o meu filho
sem pai
minha mãe
sem avó
dando a mão
pra ninguém
sem lugar
pra ficar
os meninos

sem paz
onde estás
meu senhor
onde estás?

Onde estás?

"Deus! Ó, Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçados³ nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito
Que embalde⁴ desde então corre o infinito
Onde estás, senhor Deus?... "⁵

ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa.
Diáspora. In: **Tribalistas**. Rio de Janeiro: Som Livre, 2017.

Vocabulário

¹ Primeira estrofe do Canto 11 do livro *O Guesa* (1878), de Joaquim de Sousa Andrade (Sousândrade).
² Tradução da frase em inglês: "Onde está você?".
³ Embuçado: encoberto, escondido.
⁴ Embalde: inutilmente.
⁵ Primeira estrofe do poema "Vozes d'África" (1868), de Castro Alves.

(CFTRJ 2020) Em "Diáspora" (texto), canção gravada em 2017, há uma citação de "Vozes D'África", poema escrito por Castro Alves em 1868. Abaixo, seguem duas estrofes de "Vozes D'África":

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...
[...]
Hoje em meu sangue a América se nutre
— Condor¹⁰ que transformara-se em abutre,

Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora
Qual de José¹¹ os vis¹² irmãos outrora
Venderam seu irmão.

Vocabulário

- ¹⁰ Condor: ave da região dos Andes, cujo voo alcança alturas consideráveis.
- ¹¹ José: personagem bíblico, filho de Jacó e de Raquel, enganado pelos onze irmãos, que o venderam como escravo a mercadores egípcios.
- ¹² Vil: desprezível.

A partir da relação intertextual com "Vozes D'África", é possível afirmar que, na canção "Diáspora",

Alternativas da questão 13

- A** as referências religiosas retiram da interpretação do refúgio a perspectiva política.
- B** as referências religiosas são irrelevantes no contexto do texto.
- C** o drama contemporâneo dos refugiados é associado à escravização de africanos nas Américas.
- D** o chamamento por Deus é prejudicial aos refugiados durante a travessia para a nova terra.
- E** os versos de Castro Alves são irrelevantes, uma vez que os contextos históricos são divergentes.

Ensino Médio - 3ª Série
Literatura

Questão 14

TEXTO I

A um poeta

Longe do estéril turbilhão da rua,
Beneditino, escreve! No aconchego
Do claustro, na paciência e no sossego,
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na forma se disfarce o emprego
Do esforço; e a trama viva se construa
De tal modo, que a imagem fique nua,
Rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
Do mestre. E, natural, o efeito agrade,
Sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.

Olavo Bilac

TEXTO II

Teu verso, barro vil,
No teu casto retiro, amolga, enrija, pule...
Vê depois como brilha, entre os mais, o imbecil,
Arredondado e liso como um bule!

“Do cuidado da forma”, de Mario Quintana.

Os textos anteriores pertencem a momentos históricos e literários diferentes. Relacionando-os aos seus respectivos contextos, mediante à natureza, à função e à organização dos poemas, é possível afirmar que o eu lírico, em ambos os textos,

Alternativas da questão 14

- A** prioriza a ornamentação textual para confirmar a excelência e a dificuldade do fazer poético.
- B** valoriza o preciosismo linguístico, com a finalidade de tornar o texto mais complexo e enaltecer o trabalho do poeta.
- C** busca a forma clássica para demonstrar o trabalho árduo e solitário que caracteriza o fazer poético.
- D** tece comparação a um sacerdote que fica recluso, a fim de desenvolver um trabalho que exige solidão, esforço e minúcia.
- E** utiliza a metáfora de um material amorfo para ratificar o grau de complexidade da criação poética.

Questão 15

“Os companheiros de classe eram cerca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia. O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio - palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o bicanca, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo uma foice; o Álvares, moreno, cenho carregado, cabeleira espessa e intonsa de vate de taverna, violento e estúpido, que Mânlio atormentava, designando-o para o mister das plataformas de bonde, com a chapa numerada dos recebedores, mais leve de carregar que a responsabilidade dos estudos; o Almeidinha, claro, translúcido, rosto de menina, faces de um rosa doentio, que se levantava para ir à pedra com um vagar lânguido de convalescente [...]”

Raul Pompéia

O trecho evidencia uma característica peculiar do romance *O Ateneu*, que é o fato de ele ser considerado

Alternativas da questão 15

- A** cubista.
- B** expressionista.
- C** futurista.
- D** surrealista.
- E** impressionista.

Questão 16

Descobrimento

Abancado à escrivaninha em São Paulo
Na minha casa da rua Lopes Chaves
De sopetão senti um friúme por dentro.
Fiquei trêmulo, muito comovido
Com o livro palerma olhando pra mim.
Não vê que me lembrei que lá no norte, meu Deus! Muito longe de mim,
Na escuridão ativa da noite que caiu,
Um homem pálido, magro de cabelos escorrendo nos olhos
Depois de fazer uma pele com a borracha do dia,
Faz pouco se deitou, está dormindo.
Esse homem é brasileiro que nem eu...

ANDRADE, M. **Poesias completas**. São Paulo: Edusp, 1987.

O poema *Descobrimento*, de Mário de Andrade, marca a postura nacionalista manifestada pelos escritores modernistas.

Recuperando o fato histórico do “descobrimento”, a construção poética problematiza a representação nacional a fim de

Alternativas da questão 16

- A** propalar uma inquietação desfavorável quanto à aceitação das diferenças socioculturais.
- B** idealizar a vida bucólica do norte do país como alternativa de brasilidade.
- C** problematizar a relação entre distância geográfica e construção da nacionalidade.
- D** questionar a participação da cultura autóctone na formação da identidade nacional.
- E** referendar estereótipos étnicos e sociais ligados ao brasileiro nortista.

Questão 17

O Bom-Crioulo

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos.

[...]

A chibata não lhe fazia moッサ; tinha costas de ferro para resistir como um héracles ao pulso do guardião Agostinho. Já nem se lembrava do número das vezes que apanhara de chibata...

[...]

Entretanto, já iam cinquenta chibatadas! Ninguém lhe ouvira um gemido, nem percebera uma contorção, um gesto qualquer de dor. Viam-se unicamente naquele costão negro as marcas do junco, umas sobre outras, entrecruzando-se como uma grande teia de aranha, roxas e latejantes, cortando a pele em todos os sentidos.

[...]

Marinheiros e oficiais, num silêncio concentrado, alongavam o olhar, cheios de interesse, a cada golpe. — Cento e cinquenta! Só então houve quem visse um ponto vermelho, uma gota rubra deslizar no espinhaço negro do marinheiro e logo este ponto vermelho se transformar numa fita de sangue.

CAMINHA, A. **O Bom-Crioulo**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

A prosa naturalista incorpora concepções geradas pelo cientificismo e pelo determinismo. No fragmento, a cena de tortura a Bom-Crioulo reproduz essas concepções expressas pela

Alternativas da questão 17

- A** apologia à superioridade dos organismos saudáveis para a sobrevivência da espécie.
- B** defesa do estoicismo individual como forma de superação das adversidades.
- C** observação detalhada do corpo para a identificação de características de raça.
- D** exaltação da resistência inata para legitimar a exploração de uma etnia.
- E** concepção do ser humano como uma espécie predadora e afeita à morbidez.

Questão 18

TEXTO I

Correu à sala dos retratos, abriu o piano, sentou-se e espalmou as mãos no teclado. Começou a tocar alguma coisa própria, uma inspiração real e pronta, uma polca, uma polca buliçosa, como dizem os anúncios. Nenhuma repulsa da parte do compositor; os dedos iam arrancando as notas, ligando-as, meneando-as; dir-se-ia que a musa compunha e bailava a um tempo. [...] Compunha só, teclando ou escrevendo, sem os vãos esforços da véspera, sem exasperação, sem nada pedir ao céu, sem interrogar os olhos de Mozart. Nenhum tédio. Vida, graça, novidade, escorriam-lhe da alma como de uma fonte perene.

ASSIS, M. **Um homem célebre**. Disponível em: www.biblio.com.br. Acesso em: 2 jun. 2019.

TEXTO II

Um homem célebre expõe o suplício do músico popular que busca atingir a sublimidade da obra-prima clássica, e com ela a galeria dos imortais, mas que é traído por uma disposição interior incontrolável que o empurra implacavelmente na direção oposta. Pestana, célebre nos saraus, salões, bailes e ruas do Rio de Janeiro por suas composições irresistivelmente dançantes, esconde-se dos rumores à sua volta num quarto povoado de ícones da grande música europeia, mergulha nas sonatas do classicismo vienense, prepara-se para o supremo salto criativo e, quando dá por si, é o autor de mais uma inelutável e saltitante polca.

WISNIK, J. M. Machado maxixe: o caso Pestana. **Teresa: revista de literatura brasileira**, 2004 (adaptado).

O conto de Machado de Assis faz uma referência velada ao maxixe, gênero musical inicialmente associado à escravidão e à mestiçagem. No texto II, o conflito do personagem em compor obras do gênero é representativo da

Alternativas da questão 18

- A** tensa relação entre o erudito e o popular na constituição da música brasileira.
- B** importância atribuída à música clássica na sociedade brasileira do século XIX.
- C** incipiente atribuição de prestígio social a músicas instrumentais feitas para a dança.
- D** pouca complexidade musical das composições ajustadas ao gosto do grande público.
- E** prevalência de referências musicais africanas no imaginário da população brasileira.

Questão 19

TEXTO I

“Sou rica, muito rica, sou milionária; precisava de um marido, traste indispensável às mulheres honestas. O senhor estava no mercado; comprei-o. Custou-me cem mil cruzeiros, foi barato; não se fez valer. Eu daria o dobro, o triplo, toda a minha riqueza por este momento. Aurélia proferiu estas palavras desdobrando um papel no qual Seixas reconheceu a obrigação por ele passada ao Lemos.”

ALENCAR, J. **Senhora**.

TEXTO II

“Casar? protestou a Rita. Nessa não cai a filha de meu pai! Casar? Livra! Para quê? Para arranjar cativo? Um marido é pior que o diabo; pensa logo que a gente é escrava! Nada! qual! Deus te livre! Não há como viver cada um senhor e dono do que é seu!”

AZEVEDO, A. **O cortiço**, cap. 6.

Os trechos acima são falas de personagens que tratam do mesmo assunto: o casamento. A forma como elas se posicionam mostra que (,)

Alternativas da questão 19

- A** ao chamar o marido de traste, Aurélia mostra uma inclinação romântica; ao dizer que ele é indispensável, apresenta uma inclinação naturalista.
- B** ambas representam a corrente naturalista, uma vez que menosprezam o casamento, colocando-o em nível monetário.
- C** Rita representa o Naturalismo, uma vez que, metaforicamente, compara o casamento a uma jaula; Aurélia apresenta características realistas, embora seja personagem de uma obra romântica.
- D** enquanto Aurélia representa o Realismo, por transformar o casamento numa transação comercial, Rita representa o Romantismo.
- E** Rita utiliza uma linguagem amena ao falar sobre casamento, porque deixa velado o desejo de encontrar um homem perfeito.

Questão 20

Singular ocorrência

— Há ocorrências bem singulares. Está vendo aquela dama que vai entrando na igreja da Cruz? Parou agora no adro para dar uma esmola. — De preto?

— Justamente; lá vai entrando; entrou.

— Não ponha mais na carta. Esse olhar está dizendo que a dama é uma recordação de outro tempo, e não há de ser muito tempo, a julgar pelo corpo: é moça de truz.

— Deve ter quarenta e seis anos.

— Ah! conservada. Vamos lá; deixe de olhar para o chão e conte-me tudo. Está viúva, naturalmente?

— Não.

— Bem; o marido ainda vive. É velho?

— Não é casada.

— Solteira?

— Assim, assim. Deve chamar-se hoje D. Maria de tal. Em 1860 florescia com o nome familiar de Marocas. Não era costureira, nem proprietária, nem mestra de meninas; vá excluindo as profissões e chegará lá. Morava na Rua do Sacramento. Já então era esbelta, e, seguramente, mais linda do que hoje; modos sérios, linguagem limpa.

ASSIS, M. **Machado de Assis**: seus 30 melhores contos. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961.

No diálogo, descortinam-se aspectos da condição da mulher em meados do século XIX. O ponto de vista dos personagens manifesta conceitos segundo os quais a mulher

Alternativas da questão 20

- A** encontra um modo de dignificar-se na prática da caridade.
- B** renuncia à sua participação no mercado de trabalho.
- C** tem sua identidade e seu lugar referendados pelo homem.
- D** condiciona seu bem-estar à estabilidade do casamento.
- E** preserva a aparência jovem conforme seu estilo de vida.

Questão 21

“Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem normalmente as coisas e, em consequência disso, fazem arte pura, guardando os eternos ritmos da vida, e adotados para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres [...] A outra espécie é formada pelos que veem anormalmente a natureza, e interpretam-na à luz de teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos de cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência: são frutos de fins de estação, bichados ao nascedouro. Estrelas cadentes, brilham um instante, as mais das vezes com a luz de escândalo, e somem-se logo nas trevas do esquecimento.”

"Paranoia ou mistificação" é como ficou conhecido o artigo escrito por Monteiro Lobato, intitulado *A propósito da exposição Malfatti*, publicado no jornal O Estado de S.Paulo, em 20 de dezembro de 1917. Tal artigo provocou polêmica e afastou Lobato dos modernistas de 1922, porque

Alternativas da questão 21

- A** os escritores da fase heroica buscavam a displicência e a rebeldia, a fim de destruir as obras dos grandes escritores parnasianos e românticos.
- B** Monteiro Lobato defendia o ideal parnasiano da “Arte pela Arte” e utilizava o conceito filosófico do “Carpe Diem”.
- C** os escritores da Primeira Geração Modernista tinham um pensamento retrógrado e alicerçavam suas ideias poéticas nos passadistas.
- D** os escritores de 1922 eram iconoclastas e zombeteiros em relação à arte passadista, e Lobato mantinha influência simbolista.
- E** Lobato entendia as obras na arte nova como algo sem passageiro, arbitrário e excessivo, sendo, portanto, uma manifestação de mau gosto.

Questão 22

CAPÍTULO PRIMEIRO
DO TÍTULO

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos. A viagem era curta, e os versos pode ser que não fossem inteiramente maus. Sucedeu, porém, que, como eu estava cansado, fechei os olhos três ou quatro vezes; tanto bastou para que ele interrompesse a leitura e metesse os versos no bolso. — Continue, disse eu acordando. — Já acabei, murmurou ele. — São muito bonitos. Vi-lhe fazer um gesto para tirá-los outra vez do bolso, mas não passou do gesto; estava amuado. No dia seguinte entrou a dizer de mim nomes feios, e acabou alcunhando-me Dom Casmurro.

Dom Casmurro, de Machado de Assis.

Dentre as características básicas do texto literário, aquela que fica mais evidente no capítulo lido é a

Alternativas da questão 22

- A subjetividade, pois predominam o modo de pensar e o estilo do narrador.
- B conotação, pois a maioria das palavras desvia-se do sentido denotativo e assume outras significações.
- C plurissignificação, pois há diversos sentidos no trecho, e o leitor pode extrapolar os limites do que está sendo dito.
- D ficcionalidade, considerando que é clara a ideia de que a situação contada não é verossímil.
- E função estética, evocada pela beleza dos versos apresentados pela personagem.

Questão 23

Românticos

Românticos são poucos
Românticos são loucos desvairados
Que querem ser o outro
Que pensam que o outro é o paraíso

Românticos são lindos
Românticos são limpos e pirados
Que choram com baladas
Que amam sem vergonha e sem juízo

São tipos populares
Que vivem pelos bares
E mesmo certos vão pedir perdão
Que passam a noite em claro
Conhecem o gosto raro
De amar sem medo de outra desilusão

Romântico
É uma espécie em extinção

Vander Lee

Lançado em 2003, o álbum *Vander Lee ao vivo* lança a música "Românticos". Nela, o eu lírico conceitua o que é ser romântico, que é descrito como alguém

Alternativas da questão 23

- A frágil e medíocre.
- B intenso e autêntico.
- C sensível e refinado.
- D objetivo e racional.
- E raro e dissimulado.

Questão 24

Consoada

Quando a indesejada das gentes chegar
(Não sei se dura ou caroável),
Talvez eu tenha medo.
Talvez sorria, ou diga:
– Alô, iniludível!
O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.

BANDEIRA, M. Consoada. In: _____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

No texto de Manuel Bandeira, a iminência da morte é encarada de forma debochada pelo eu lírico, no entanto eufemismos são empregados para se referir a ela.

O uso dessa figura de linguagem no poema se justifica pelo(a)

Alternativas da questão 24

- A** necessidade do autor de sensibilizar seu leitor, ao tratar de tema tão controverso na literatura.
- B** desconforto do eu lírico pela morte, ainda que demonstre alguma proximidade dela em sua abordagem.
- C** apelo estético do autor, que preferiu uma expressão mais longa para caracterizar a morte.
- D** comparação que o eu lírico faz entre a morte e a passagem do tempo, vista na dicotomia dia / noite.
- E** convocatória por parte do autor, para que os leitores reflitam sobre a efemeridade da vida.

Questão 25

TEXTO I

Os séculos de escravidão são um aspecto triste da história brasileira. Tabu e vergonha, quando se pensa nas dores e humilhações desumanas por que passaram homens e mulheres negros trazidos da África; mas também – por que não? – orgulho, quando se evocam as lutas e estratégias de resistência e sobrevivência dos escravos, ex-escravos e descendentes. Histórias transmitidas de geração em geração, como narrativas que dão sentido e identidade. Povos remanescentes de quilombolas são grupos unidos por esse passado comum, que têm território como base na reprodução física, social, econômica e cultural de sua coletividade. São reconhecidos na Constituição de 1988 como detentores de direitos territoriais coletivos e fazem parte do conjunto dos povos e comunidades tradicionais.

LOSCHI, M. Território e tradição. **Retratos: a revista do IBGE**, n. 2, ago 2017 (adaptado).

TEXTO II

exiba ao pai
nossos corações
feridos de angústia
nossas costas chicoteadas
ontem
no pelourinho da escravidão
hoje
no pelourinho da discriminação
sabes que em cada coração de negro
há um quilombo pulsando
em cada barraco
outro palmares crepita
os fogos do Xangô iluminado
nossa luta
atual e passada

NASCIMENTO, A. Axés do sangue e da esperança. **Retratos: a revista do IBGE**, n. 2, ago. 2017.

Na comparação entre os textos I e II, percebe-se que ambos apresentam, em relação à história dos africanos escravizados, um(a)

Alternativas da questão 25

- A** reconhecimento dos direitos desses sujeitos.
- B** valorização da memória dos antepassados.
- C** apelo à religiosidade das pessoas mais velhas.
- D** saudosismo do local de origem.
- E** culpabilização do homem europeu.